



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

PÓS-MODERNISMO
BUSCAS, PERSPECTIVAS, INQUIETAÇÕES...

BORGES, Maria Soledade Gomes
Aluna do Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba





Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

RESUMO

Este trabalho coloca em discussão as posições pós-modernas num esforço de compreender tais propostas que pretendem pensar o mundo sem recorrer a meta-relatos, a metanarrativas. Segundo o pensar pósmoderno, como todo o campo educacional está balizado pelo Iluminismo, torna-se um campo minado: tanto o do humanismo tradicional como o das pedagogias críticas. Tanto as posições metodológicas positivistas como as marxistas são questionadas pois teriam por base uma consciência unitária, auto-centrada e portanto, construída sobre "utopias, universalismos, grandiloquências, narrativas mestras." A partir daí, vão sendo desconstruídas as tradições do pensamento educacional onde a consciência e o sujeito autocentrado constituem o núcleo. Descontrói-se também o sentido do "poder" que, segundo Foucault, é onipresente e portanto não teria uma face visível, de forma a ser localizado e combatido. A "viradalingüística" desmontaria a possibilidade da linguagem como representação da realidade através da afirmação de que é a linguagem que "produz, constitui e forma a realidade". Seria possível desconstruir tudo isto sem se criar uma nova meta-narrativa que tentasse dar conta do "Grande-Caos" resultante destes posicionamentos? Este é o desafio que a posição pós-moderna coloca diante do homem como condição de sua sobrevivência, esperança e felicidade.

Palavras chave: pós-modernismo, metanarrativas, educação, poder, linguagem.

Profissão Docente



Início minhas reflexões a partir das colocações de Alfredo Veiga- Neto – **Um debate (im)possível** – sobre a impossibilidade, em termos estritos, de se estabelecer um debate entre a perspectiva moderna e pós-moderna a partir de argumentações lógicas, na tentativa de se estabelecer qual das duas posições seria a melhor. Essa impossibilidade, conforme o autor, seria gerada pelo fato das duas posições serem regidas por epistemologias diferentes. Assim, se não há um discurso abrangente que contenha as duas perspectivas, os dois paradigmas, não há como comparar as duas posições.

Ousar estabelecer um macro-paradigma que desse conta das duas versões (a moderna e a pós-moderna) seria propor justamente o que a posição pós-moderna pretende desconstruir – a crença em uma totalidade unitária de mundo, com valores eternos e imutáveis.

Não sendo este o caminho, a proposta do pós-modernismo seria pensar o mundo sem recorrer a metarelatos ou metanarrativas.

Isto se torna uma tarefa difícil pois, através desta proposta, todas as bases estabelecidas pelo Iluminismo e que foram desenvolvidas durante séculos, estão sendo questionadas: o método como caminho seguro (seja ele positivista, marxista, etc. ...), a racionalidade, as certezas, as verdades universais.

Levando essas preocupações para o campo educacional, o que ocorre hoje (não tanto aqui no Brasil onde esses debates ainda não ganharam corpo) poderia ser comparado a uma implosão do que se tem em mãos: conforme Silva (1996), tanto as teorias educacionais consideradas tradicionais como as chamadas teorias críticas estão sendo atingidas por esses novos posicionamentos.

Na visão pós-estruturalista, como o campo educacional está construído, tanto na sua forma como no seu conteúdo, tomando por base as "utopias, universalismos, grandiloquências, narrativas mestras" (Silva,1996), ele se torna um campo minado: desloca-se a crença na existência de uma consciência humana, fonte de todo o



significado e de toda a ação; consciência e sujeito são descentrados e deixam de ser fixos, autônomos, soberanos; o mesmo ocorre com a linguagem; toda a tradição do pensamento educacional, onde a consciência e o sujeito auto-centrado constituem o núcleo, é questionado. E, a partir daí, são também questionadas todas as formas de pensamento voltadas para a área educacional. Tanto o humanismo tradicional, por seu posicionamento a partir da consideração de uma essência humana que pode ser desenvolvida em todas as suas potencialidades, como das pedagogias críticas porque não conseguem se desvincular da suposição de uma consciência unitária e auto-centrada que, considerada "alienada" pelos condicionantes históricos, poderia ser "desvelada", "despertada".

Seria o momento pós-moderno apenas um espaço-tempo em que tudo se desestabiliza e nada se constrói?

Remetendo a análise para a questão do "saber-poder", tema que tem sofrido inúmeros questionamentos por parte das teorias críticas que tentam explicar o espaço pedagógico no jogo do poder, (poder este que contamina os discursos pedagógicos pela ideologia), chega-se também, através do discurso pós-moderno, ao mesmo desalento.

Na visão pós-estruturalista e pós-moderna, todo saber/conhecimento é suspeito de vínculo com o poder; a própria fonte do poder é deslocada de um pólo fixo (o dominante) e circula livremente em diferentes pólos (o dominado, as minorias, os estudantes, os professores ...).

"Nesse deslocamento, muda o próprio foco de análise do poder: não mais simplesmente tentar identificar a fonte do poder, já que as relações de poder são onipresentes, mas principalmente como elas se exercem. (Foucault, 1992, in Silva, 1996).

Neste sentido as relações são sempre arriscadas pois o poder não tem uma face visível, identificável, colocada de forma a ser possível localizá-lo e combatê-lo; isso revela um desconforto constante, uma posição insustentável; e qual o sentido que se está dando ao poder, uma vez que para Foucault ele não se constitui em algo que distorce,



reprime e mistifica (visão marxista) mas sim que "produz e cria identidades e subjetividades"?

Nesse ponto, não estaria Gramsci *tratando do mesmo tema*, mas *de uma outra forma* quando, ao definir os conceitos de sociedade civil e de hegemonia, afirma que esse enfoque permite pensar a educação a partir de um novo prisma? Gramsci admite que na sociedade civil circulam ideologias. Através delas a classe hegemônica procura impor à classe dominada sua concepção de mundo que, uma vez aceita e assimilada por ela, se torna senso comum pelo domínio das consciências. No entanto, como a classe subalterna também "tem poder", é possível se pensar em uma pedagogia do oprimido que, assumindo força política, desestabilizaria o poder da classe dominante utilizando as brechas de liberdade que esta classe estaria obrigada a admitir para criar a ilusão de que não existe a dominação. Tal contradição, explorada conscientemente pela classe oprimida, permitiria elaborar um conceito emancipatório de educação, construindo uma contra-ideologia com a finalidade de corroer o senso comum estabelecido.

Outra questão posta, refere-se à tradição racionalista no pensamento social e educacional que percebe o conhecimento como processo lógico, ligado a esquemas mentais de raciocínio, já que se baseia na concepção de linguagem como meio de representação da realidade. Se a "virada lingüística" desmonta esta possibilidade afirmando que a linguagem é que "produz, constitui e forma a realidade" (Silva,1996), como ficam as propostas de "argumentação correta", da "lógica" que possibilitaria a percepção das falácias dos diferentes discursos?

Não seria também uma espécie de determinismo afirmar que o projeto neoconservador e neoliberal cria um espaço do pensar que elimina da discussão pública as noções de igualdade, de justiça social, etc. e as substitui por outras como "produtividade", "eficiência"? Se o "poder-saber" é circular, permeia todas as relações, cria espaços, essa afirmação não anula a anterior?



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

A visão pós-modernista se posiciona contra o predomínio da Razão, dentro dos limites em que ela foi definida pelo Iluminismo e que, segundo esta visão, se constitui como base para a montagem dos currículos educacionais; uma razão "eurocêntrica, branca, burguesa, setecentista e, portanto, particular, local, histórica e não pode ser generalizada"(Silva,1996).

Contrapondo-se a essa posição, Silva afirma que no enfoque pós-moderno a noção de Razão é colocada como produto de uma construção que ocorre em determinado momento histórico e, portanto, deve suas características às condições daquela época e não a uma essência humana abstrata e universalizante.

No entanto, *contra a posição iluminista, a tendência histórico crítica já se posiciona* ao afirmar que a escola educa o homem concreto, contextualizado, histórico e não aquele modelo de homem abstrato, ahistórico, idealizado. Como então afirmar que a posição pós-moderna é que faz a denúncia da educação descontextualizada, cujo sujeito é criado pelas psicologias desenvolvimentistas que universalizam a abstraem a noção de razão? Essa crítica já não estaria posta anteriormente?

O pós-modernismo e o pós-estruturalismo, no afã de desconstruir todas as meta-narrativas e, especificamente em educação, a "Grande Pedagogia" que daria respostas a todas as questões educacionais e sociais, poderia também estar gerando o "Grande Caos". Ao eliminar todas as possibilidades de adoção de esquemas explicativos universalizantes, não estaria pulverizando de tal forma a visão de ser humano e de mundo que tornaria inviável qualquer projeto de educação? Neste caso poder-se-ia também cogitar duas situações:

. a impossibilidade de se pensar em uma essência humana abstrata e universalizante colocada pelo pósmodernismo, *que também é um discurso*, não estaria correndo o risco de se tornar uma nova metanarrativa que tentasse dar conta desse "Grande Caos"?



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

. de outro lado, o discurso pós-moderno não poderia também tornar-se um grande "réquiem" a embalar a impossibilidade de um projeto social, político, educacional que contemplasse os seres humanos ?

"A concepção pós-estruturalista, inspirada, nesse ponto, sobretudo em Foucault, ao colocar em dúvida a suposição dessa consciência e desse sujeito soberano, ao desenvolvimento (ou à repressão) do qual a educação estaria voltada, priva-lhe, evidentemente, da própria razão de sua existência e "missão". Que se coloca em seu lugar? Talvez não seja o caso de tentar colocar alguma coisa em seu lugar- operação que correria o risco de remontar precisamente aquilo que o pós-estruturalismo se pôs a desmontar -, mas de enfatizar precisamente o caráter transgressivo e subversivo de uma tal perspectiva" (Silva, 1996, p.239).

É inquietante esse discurso através do qual tudo se desestabiliza, desde as posições mais tradicionais até as mais atuais (como o das pedagogias histórico-críticas) e nada se constrói; e mais ainda, em que se coloca a desconstrução como a única certeza.

Como se pensar a educação dessa forma? Como transgredir, subverter e não se construir algo novo? Como separar epistemologia de ética, de estética e ter a "esperança" de que fala Alfredo Veiga Neto? Tais questões postas pelo discurso pós-moderno são desafios que provocam receios e geram interrogações. São posições que merecem aprofundamentos, revisões, críticas e buscas pois, para o homem, são cruciais para a sua própria sobrevivência, felicidade e esperança.

BIBLIOGRAFIA

FREITAG, Bárbara .Escola, Estado e Sociedade.São Paulo: Moraes, 1980 (4ª ed.)
GORE, Jennifer M. .Foucault e Educação: fascinantes desafios.In: O sujeito da Educação -estudos foucaultianos.Petrópolis:Vozes, 1999, p.9-20.

SILVA, Tomaz T..O adeus às metanarrativas educacionais. In: Identidades terminais. Petrópolis: Vozes, 1996, p.236-250.

VEIGA-NETO, Alfredo. Um Debate (im)possível? e Culturas e Currículo. In: www.orion.ufrge.br/faced/alfredo/sertao.htm, (acesso em 08/03/00)



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Maria Soledade Gomes Borges

Possui graduação em Licenciatura em Música pela Faculdade de Artes de Uberlândia (1977), graduação em Piano pela Faculdade de Artes de Uberlândia (1977), graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino (1963), graduação em Orientação Educacional pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ituverava (1978) e graduação em Supervisão Escolar de 1º e 2º Graus - Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (1979). Atualmente é professor auxiliar da Faculdade de Educação de Uberaba, professor visitante da Universidade Federal do Triângulo Mineiro e docente e administrativo da Universidade de Uberaba. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação.

